



ALESSANDRA DAS GRAÇAS ALCEBÍADES

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS FOTOGRAFIAS DE
NAIARA JINKNSS: DAS CENAS DE ENUNCIÇÃO AO
INTERDISCURSO E EFEITOS DE SENTIDO**

LAVRAS-MG

2021

ALESSANDRA DAS GRAÇAS ALCEBÍADES

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS FOTOGRAFIAS DE NAIARA JINKNSS:
DAS CENAS DE ENUNCIÇÃO AO INTERDISCURSO E EFEITOS DE SENTIDO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano

Orientador

LAVRAS-MG

2021

RESUMO

É por meio da linguagem que os sentidos são proferidos/captados e revelam, por assim dizer, as práticas sociais e discursivas de uma sociedade. Nesse sentido, utilizando a Análise do Discurso de linha francesa desenvolvida por Dominique Maingueneau, este trabalho tem como objetivo analisar as cenas de enunciação, o interdiscurso e os efeitos de sentido presentes no gênero da imagem fotográfica. Para as análises propostas, a pesquisa conta com o suporte teórico da Análise do Discurso de orientação francesa, tendo como objeto de análise três fotografias da fotógrafa Naiara Jinkss, explorando a criticidade do discurso social que engloba questões de pobreza. A fotografia compartilha junto a outras técnicas, como forma de construção de imagens, uma série de elementos; mas também possui, particularidades que a diferenciam de outras técnicas. Tal gênero transpassa nada mais do que uma representação (parcial/total) da realidade, muitas vezes forjada para atender a interesses de alguns sujeitos nos mais diversos âmbitos sociais, seja político, jornalístico, familiar, entre outros. Para tal, o estudo em questão visa discutir, a partir de estudos do discurso, as particularidades do imagético para com o social, visando os efeitos de sentido que convidam o coenunciador a argumentar e interpretar tal gênero que envolve o social.

ABSTRACT

It is through language that the senses are uttered / captured and reveal, as it were, the social and discursive practices of a society. In this sense, using the Discourse Analysis of French line developed by Dominique Maingueneau, this work aims to analyze the enunciation scenes, the interdiscourse and the effects of meaning present in the photographic image genre. For the proposed analyzes, the research relies on the theoretical support of French-oriented Discourse Analysis, having as object of analysis three photographs by photographer Naiara Jinkss, exploring the criticality of social discourse that encompasses issues of poverty. Photography shares, along with other techniques, as a way of constructing images, a series of elements; but it also has particularities that set it apart from other techniques. Such a genre cuts through nothing more than a (partial / total) representation of reality, often forged to meet the interests of some subjects in the most diverse social spheres, be it political, journalistic, family, among others. To this end, the study in question aims to discuss, based on discourse studies, the particularities of the imagery towards the social, aiming at the effects of meaning that invite the co-announcer to argue and interpret such a genre that involves the social.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS.....	9
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1	ANÁLISE DO DISCURSO	10
3.2	INTERDISCURSO.....	16
3.3	CENAS DE ENUNCIÇÃO.....	19
4	METODOLOGIA.....	23
5	ANÁLISE E DISCUSSÕES.....	28
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Os estudos com a fotografia originaram desde cerca de 350 a.C, ocorrendo maior evolução a partir do ano de 1817, sendo a palavra “fotografia” findada no idioma grego *phosgraphiein*, em que *phos* ou *photo* (foto) significa “luz” e *graphiein* (grafia) quer dizer “escrever”. Por meio desse ato, sempre foi possível fazer história através das décadas, com registros dos mais diversos níveis marcantes, tanto para história familiar/pessoal, quanto para todo o social. É possível estimular uma consciência individual ou coletiva, mas em que em ambas as perspectivas o homem está atrelado a uma série de eventos e situações que o faz convergir para o mesmo ponto: o sentimento de condição humana.

Assim a fotografia, bem como outros tipos de arte e documentação da história da humanidade, representa o homem em seus aspectos cognitivos, sociais, culturais, físicos e emocionais. Desse modo, pode-se afirmar que o discurso fotográfico demanda de vários outros que representem o homem enquanto indivíduo pertencente ao mundo e faz com que os registros imagéticos perpassem um papel fotográfico. Mesmo considerando a forte influência da Linguística na configuração da Análise de Discurso (ORLANDI, 1999), sabe-se que a noção de discurso não tem sua aplicação restrita a textos verbais, escritos ou falados, mas antes evidencia a postura assumida pelo analista diante do exercício da linguagem, como bem assinala Maingueneau (1998, p. 43): “[...] esse termo [discurso] designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem.”

Esse trabalho justifica-se pelo fato da relevância do imagético com o social, visto que diariamente estamos rodeados por imagens estáticas (ou em movimento) que produzem sentidos para cada sujeito, visam passar algum efeito no receptor, causando uma reverberação em todo o meio social, seja ele digital ou físico. A fotografia nasceu sob a égide de verdade absoluta. Sua inserção na mídia impressa, no entanto, modificou seu papel, fazendo dela um instrumento capaz de atender aos interesses políticos, econômicos e ideológicos. Assim, tornou-se comum a possibilidade de distorcer ou mesmo forjar uma realidade

O objetivo geral deste estudo é discutir sobre a fotografia e os discursos que emergem a partir das cenas que envolvem tal prática, bem como os efeitos de sentidos que transmitem em busca de compreendermos as representações construídas através do imagético em fotografias que representam o social marginalizado, visando o pensamento crítico. A reflexão

neste estudo a respeito dessas teorias encontra-se fundamentada na proposta da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Assim, buscando verificar a aplicabilidade dessa proposta em um corpus baseado e coletado do acervo fotográfico da fotógrafa Naiara Jinkns, com o intuito de entender a representação dos espaços dos sujeitos na imagem, as cenas de enunciação e os efeitos de sentido que as fotografias emergem através das convenções técnico-fotográficas de ângulo, plano da imagem, marcas ideológicas, enquadramento, luz e cores.

O texto está separado em referencial teórico, baseados nos estudos de Mainguneau (2006; 2011), Orlandi (1995; 2012), Barthes (1980; 1997), Brandão (2009), De Oliveira Cano (2012), com as premissas teóricas da análise do discurso de linha francesa, interdiscurso, cenas de enunciação e efeitos de sentido. A metodologia perpassa o formato de pesquisa qualitativa e as particularidades da técnica fotográfica, seguida da análise e discussão das imagens coletadas. Os estudos do discurso atrelados à fotografia ainda são poucos e recentes, mas a análise do discurso trata-se de uma ciência atual que lida com acontecimentos atuais, que visam discutir sobre as mais diversas situações e implicações que norteiam o social, visto que o sujeito está fadado a atribuir uma significação toda vez que se depara com um discurso.

2.1 OBJETIVOS

2.1.2 Objetivo Geral

Analisar a construção de sentidos de um corpus fotográfico a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da análise do discurso.

2.1.3 Objetivos Específicos

- Contextualizar o percurso histórico dos estudos da análise do discurso (AD);
- Discutir os conceitos de interdiscurso, cenas de enunciação e efeitos de sentido;
- Analisar os efeitos de sentidos advindos das fotografias à luz das propostas teóricas da análise do discurso de linha francesa;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO

Os estudos do discurso passaram a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas linguísticas nos anos 50, ainda em uma perspectiva estruturalista, porém com uma forte influência dos estudos sobre enunciação. Na década de 1960, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, a necessidade de se analisar o texto fora dos limites estruturais trouxe uma nova perspectiva para a análise do discurso. De acordo com Maingueneau (2015, p. 20), “surgiram simultaneamente visões muito diferentes da análise do discurso”. Mas foi a chamada análise do discurso de linha francesa (AD) que se propagou pelo mundo nos anos 80, se diferenciando de outras áreas do saber pelo fato de se apoiar em reflexões advindas da psicanálise, da filosofia, do marxismo histórico althusseriano e da linguística.

Enfim, o foco da AD está em estudar as condições de produção dos discursos e as ideologias materializadas por eles em uma perspectiva além da estrutura e embasada nas práticas sociais e políticas vivenciadas por diferentes sujeitos. De acordo com Orlandi (2015), a AD estuda a relação existente entre sujeito, história e ideologia, na busca por entender as ações promovidas e as ideologias propagadas por sujeitos sociais em diferentes instâncias sociais e discursivas.

No que diz respeito a "Análise do Discurso" ou, em sua abreviação, "AD", é prudente, de início, levantar a questão: o que se entende por análise do discurso? Esta pergunta é pertinente porque vários são os conceitos dessa ciência que se torna cada vez mais atual a partir de suas diversas teorias que nos faz questionar e repensar alguns conceitos, como: a ideologia, política, mídia, entre outros. Em um ponto de vista histórico, será possível observar que tal estudo possui cerca de dois mil anos, desde os estudos da retórica grega, e se estende a um presente na tentativa da linha francesa.

Para entender melhor tal conceito, é importante observar o percurso histórico por qual esta teoria perpassou, tendo início nos anos 50, constituindo-a enquanto disciplina. De um lado, surge o trabalho de Harris (Discourse Analysis, 1952), que

mostra a possibilidade de ultrapassar as análises confinadas meramente a frase e, de outro lado, há os trabalhos de Jakobson e Benveniste, que se destinam a teorias sobre a enunciação apontando para a diferença de perspectiva que vai marcar uma postura teórica de uma análise do discurso de linha mais americana, de outra mais europeia. (BRANDÃO, 2009, p.13).

Nesse sentido, é importante frisar que Benveniste dá relevo ao papel do sujeito falante no processo da enunciação e procura mostrar como acontece a inscrição desse sujeito nos enunciados que ele emite. No que diz respeito a “posição” do locutor, ele levanta a questão da relação que se estabelece entre o locutor, seu enunciado e o mundo. A perspectiva teórica americana, observada por Orlandi (1986, p. 108), consideram a frase e texto como elementos isomórficos, cujas análises se diferenciam apenas em graus de complexidade.

Assim, é importante citar que, para Brandão (apud Maingueneau (1987), a chamada "escola francesa de análise do discurso" filia-se:

- nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, a conjuntura intelectual francesa, em torno de uma reflexão sobre a "escritura", uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos;
- e a uma certa prática escolar que é a da "explicação de texto", muito em voga na França, pois é um país em que a literatura exerceu um grande papel e pode-se perguntar se a análise do discurso não é uma maneira de substituir a explicação de texto enquanto exercício escolar (BRANDÃO, 2009, p. 16).

De acordo com Foucault (2003, p. 54), os princípios reguladores da análise de discursos abrangem quatro noções que se opõem ao que foi domínio da história tradicional: “o acontecimento à criação, a série à unidade, a regularidade à originalidade e a condição de possibilidade à significação”. Assim, o princípio de inversão trata da fonte dos discursos, trazendo para si as essencialidades do papel do autor, da disciplina e da vontade de verdade, porém é preciso reconhecer que restringir o discurso a esses fatores é um risco.

Logo, outros princípios se fazem necessários, tais como: i) o princípio de descontinuidade, que propõe que o discurso é uma prática descontínua e deve ser tratado como tal, pois diferentes dizeres podem se cruzar, além de se ignorarem e se excluírem; ii) o princípio de especificidade, que mostra que o discurso não é um jogo de significações prévias e apenas decifrá-lo não é o suficiente para se conhecer o que nele há de mais específico; iii) o princípio de exterioridade, que traz o discurso para fora, pensando nas suas possibilidades externas e nos seus acontecimentos.

Durante esse longo percurso, um conjunto de preocupações comuns tem delineado um domínio bastante amplo dentro dos estudos linguísticos. Na perspectiva do discurso, Orlandi (1983, p. 204), vai dizer que o texto é lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade, sendo ele objeto de interpretação, como todo objeto simbólico. Torna-se uma tarefa do texto compreender como ele produz sentido, tanto como os sentidos estão nele quanto como ele pode ser lido.

Sendo assim, para o analista, o texto não se trata do ponto de partida absoluta e nem o ponto de chegada, pois uma vez atingido o processo discursivo, (que é o que faz o texto significar) os textos desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual fazem parte (PECHÊUX, 1983). Quando se trata de discurso, não temos origem e não temos unidade definitiva. Um texto é uma peça de linguagem de um processo discursivo muito mais abrangente, pois trata-se de compreender como a matéria textual produz sentido, sendo os entremeios o seu acontecimento como discurso.

Para tal, Gregolin (1995) ilustra que

O DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz? como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?) (GREGOLIN, 1995, p.17).

O apontamento feito por Gregolin é extremamente pertinente, visto que a reflexão discursiva remete a espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias. Em que não faltam relações de sentidos, mas também relações de força e poder, pois coloca em estado de questão o sujeito do conhecimento e seu campo, seu objeto e seu método, face à teoria que produz.

Arelado a essa discussão, é perceptível que o objeto central de análise se desenvolveu da passagem da linguística da "frase" para a linguística do "texto". Essa mudança provocou transformações na ideia classicamente aceita de que a "fala" é individual, assistemática e, portanto, não passível de análise científica. Assim, podendo correlacionar com a afirmação de Saussure de que a língua é fato social, significando o que é social, ligando a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e o inconsciente.

Nessa esteira, Pêcheux (1990) assevera que,

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está”, e o “nunca estará” da percepção imediata; nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (PÊCHEUX, 1990, p.8).

Deste modo, a Análise do Discurso se propagou na década de 1960, na França, na obra de Michel Pêcheux “Análise Automática do Discurso”, que trazia esta teoria para ir de encontro com o formalismo oriundos das análises linguísticas propostas até então. A AD difundida por Pêcheux vislumbra o sujeito como “resultado da relação existente entre história e ideologia” (BRASIL, 2011, p. 174).

Brandão (2012), com base nos estudos de Pêcheux, afirma que os discursos são representações de lugares sociais dos quais o sujeito está inserido, assim sendo, as formações imaginárias criam relações entre esses lugares e a posição que os sujeitos ocupam neles. Nas palavras de Orlandi (2015, p.13), “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, ou seja, quando pensamos a AD como uma forma de observar as relações de linguagem, percebemos que o

discurso é o efeito das relações entre sujeitos e sentidos, por isso, de acordo com a autora, observar a relação entre língua e ideologia é inerente aos estudos do discurso.

Os estudos pècheuxianos trouxeram uma abordagem distinta ao pensar a Ciência da Linguagem. As discussões sobre língua e linguagem divergiam de seu pensar. Até então o estruturalismo (com a negação do sujeito e da situação) e a gramática gerativa transformacional (GGT), proposta por Noam Chomsky ocupavam um espaço significativo de discussão em relação aos estudos da linguagem. A análise de discurso surge, então, com a discussão de questões que advogam contra o formalismo hermético da linguagem, questionando a negação da exterioridade.

Nesta teoria discursiva, a interação do sujeito com a significação de seu discurso é heterogênea, dialogando com elementos sociais, psicanalíticos, filosóficos e, não meramente, linguísticos. MOESCHLER ET REBOUL definem a Análise do Discurso como,

subdisciplina da lingüística que procura explicar um grande número de fatos (anáfora, tempos verbais, conectores, etc.) recorrendo a uma unidade superior à frase, o DISCURSO, e as noções que permitem defini-lo (coerência, memória discursiva, etc.). (1998, p.14 *apud* MAINGUENEAU, 2007).

Portanto, a AD não é, tão-somente, o estudo da coerência e coesão textual, uma vez que a AD e o próprio discurso não se limitam ao conteúdo a ser estudado em uma única disciplina. A análise do discurso tornou-se gradualmente um campo interdisciplinar com a consideração de outros fatos além da linguagem por considerar a relação de comunicação infiltrada pelo pensamento do sujeito e pela história e sociedade a que pertence, fornecendo-nos elementos pragmáticos, históricos, filosóficos e sociais.

Pêcheux, propulsor da Análise do Discurso, na França, defendia que a ideologia dava suporte a materialidade textual do discurso, considerando

[...] as dimensões múltiplas envolvidas no processo de produção do sujeito e do sentido sem, com isso, ignorar-se os fatores históricos do qual o sujeito e o sentido fazem parte (*apud* LORDES, 2014, p. 8).

Neste sentido, para Maingueneau (2007), o objeto da AD “não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico.” Isto é, para um analista do discurso os questionamentos sobre esse gênero devem estar associados com a composição textual, a ideologia, além de investigar as tessituras em que foram desenvolvidos os textos.

Segundo Maingueneau (apud DE OLIVEIRA CANO, 2012, p. 14),

O interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. Esse dispositivo pertence simultaneamente ao verbal e ao institucional: pensar os lugares independentemente das palavras que eles autorizam, ou pensar as palavras independentemente dos lugares com os quais elas estão implicadas significaria permanecer aquém das exigências que fundam a análise do discurso.

Partindo desse pressuposto e da noção de que o lugar social/posicionamento do enunciador perpassa por inúmeros discursos pré existentes, devemos compreender então, a relevância que a interdiscursividade tem na AD.

É importante ressaltar que a Análise do Discurso de vertente francesa foi fundada na Europa, na década de 1960, com o propósito de demonstrar que o discurso é um lugar no qual podemos observar a relação entre a língua e a ideologia e, por sua vez, compreender como acontece à produção de sentidos para os sujeitos. Assim, o discurso é visto como a “produção de sentidos, realizada por sujeitos, por meio da materialidade da linguagem, temos a necessidade de articular teorias da linguagem, do sujeito, do histórico-social.” (GREGOLIN, 2011, p. 4). É a partir dessas diferentes epistemologias que Pêcheux concebe a linguagem como um fenômeno que deve ser visto em relação ao seu interior como a estrutura, o linguístico; e seu exterior como acontecimento, materialidade ideológica.

Pensando na ideia de interdiscurso, Sargentini (2006, p. 40), assevera que,

A entrada do conceito de interdiscurso na AD modifica a forma de organização do corpus. O conceito introduz uma abordagem mais dialética ao indicar que toda formação discursiva dissimula um todo complexo dominante (em uma perspectiva althusseriana). O interdiscurso é, assim, um espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas em função das relações de dominação, de subordinação e de contradição.

Nesse sentido, o interdiscurso é fruto da presença de diferentes discursos, provenientes de diferentes momentos históricos e lugares sociais, que se entrecruzam no interior de uma formação discursiva; assim, os enunciados se constituem como elementos fundamentais para a composição do corpus em AD, sendo, portanto, todo o enunciado heterogêneo e carregado de um conhecimento linguístico, histórico, social e ideológico. Pois, como apontado por Foucault (1995, apud. FERNANDES, 2007 p. 53), “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em torno de si, um campo de coexistência”, assim frisando acontecimentos exteriores e anteriores ao texto e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.

3.2 INTERDISCURSO

Sob diversos nomes, cada um implicando algum viés específico, o interdiscurso “reina soberano” por fazer parte do social, suas construções de sentido serem constituídas a partir de uma memória coletiva. Schneider (1985) chega a dizer, a propósito de um tema bem específico e à primeira vista não relacionado a essa problemática, que "sob o nome sapiente de intertextualidade, o plágio voltou a ser alguma coisa que não é mais uma fatalidade, mas sim um procedimento de escritura como outro qualquer, às vezes reivindicado como único" (Schneider 1985, p. 59).

O interdiscurso é conceituado por Maingueneau (1989) como um conjunto de discursos que mantém uma relação discursiva entre si, separado em: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Universo discursivo é o conjunto heterogêneo de formações discursivas que interagem numa conjuntura. Campo discursivo é o conjunto de formações discursivas em concorrência que se delimitam numa região do universo discursivo. O discurso se constitui no interior de um campo discursivo como, o religioso, político,

literário, etc. Espaço discursivo é o subconjunto do campo discursivo, que liga no mínimo duas formações discursivas que se relacionam e são importantes para o entendimento dos discursos em questão. O conceito de interdiscurso é o que possibilita relacionar a memória coletiva à análise das fotografias, já que ele permite que os dizeres que já foram ditos tenham sentido em nossas palavras. Além disso, o discurso ganha sentido quando se relaciona com outros discursos.

Em Charaudeau e Maingueneau (2002), o verbete "interdiscurso" é apresentado com um sentido restritivo (conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros) e com um sentido amplo (conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita). Uma das teses de Pêcheux (1975, p. 162) é que "toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao "todo complexo com dominante" das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas...".

Pêcheux (1990) introduz a noção de interdiscurso, concebendo que a ideologia se caracteriza pela heterogeneidade e que sua existência se dá pela contradição, pois uma formação discursiva é também constituída por seu outro. Em seus estudos, Dominique Maingueneau (2005, p. 33-48) propõe substituir a noção de interdiscurso pela tríade – universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo –, pois para ele aquela noção, de certa forma, é vaga.

Na análise do discurso, trabalha-se com a noção de língua como um sistema sujeito a falhas e abarca-se a questão da ideologia como constituinte tanto do próprio discurso quanto como real condição de existência do sujeito. Assim, é possível encontramos um sujeito que é fruto do linguístico-histórico, sendo este interpelado pela ideologia e se constituindo a partir de acontecimentos e da sua relação com o outro. Brandão (2002, p.49) defende a ideia de que o sujeito é essencialmente histórico pelo fato de que:

[...] sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo (...). Sua fala é um recorte de representações de um tempo histórico e social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala, mas também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala.

Seguido por esse prisma, o sujeito deixa de ser pensado enquanto dono de seu dizer, como o detentor da origem do sentido, pois, discursivamente, ao falar, ele traz à tona muitas outras vozes que também falam e que, conseqüentemente, o constitui e o legitima como tal.

Orlandi (2012, p.55) pontua que a projeção da ideologia do dizer faz parte da formação discursiva do sujeito, uma vez que o sujeito ao discursar traz consigo seus conhecimentos e vivências, além do conhecimento do interlocutor e do assunto abordado. Deste modo, o conceito de interdiscurso se liga na AD por meio dos significados pré-existentes que o discurso deve ter para fazer sentido.

O interdiscurso não se limita as conceituações teóricas de uma área em específico, muito pelo contrário, por ser heterogêneo, ao analisar a interdiscursividade faz-se necessário basear-se nos três pilares da AD, que são o universo – “conjunto de todos os discursos existentes”, o campo – conjunto de “formações discursivas que atribuem certos papéis para interação” e o espaço discursivo – série de enunciados que delimitam o lugar social do discurso (DE OLIVEIRA CANO, 2012, p.17).

Luciana Leão Brasil (2011) refere-se em Orlandi para afirmar que o

Discurso não se trata de transmissão de informação (menção à teoria da comunicação). Não é simplesmente um processo linear, onde um fala e o outro assimila, não é sequencial, um fala o outro decodifica a mensagem. Para o analista de discurso, o objeto é o discurso (BRASIL, 2011, p.177).

Isto é, as construções dos sujeitos e dos significados do discurso se dão durante todo o processo de interlocução. As formações discursivas perpassadas em outros discursos são denominadas de interdiscurso, sendo a relação de um discurso manifestada em outro discurso a qual promove a produção de sentido e, demonstra assim, o posicionamento do sujeito sobre o tema.

Oliveira Cano (2012, P. 16) salienta que “[...] o lugar social é o discurso constituído na base por um *interdiscurso* e revelado pelo *posicionamento* do *enunciador* [...]”. Em outras palavras, o interdiscurso pode ser localizado no lugar social do discurso interiorizado em outro lugar social, portanto, a análise do discurso não pode ser realizada de forma isolada, antes, o analista discursivo necessita verificar os interdiscursos que definiram previamente o

discurso a ser analisado. Logo, a AD não pode ser realizada isoladamente, sem considerar a produção de sentido filosófico, psíquico, linguístico e, também, político.

Deste modo, ao se realizar a análise do discurso é necessário ter em mente que o uso da interdiscursividade

No nível dos discursos, não se está, com efeito, diante de determinismos exclusivamente linguísticos, mas de mecanismos de regulação comunicacional heterogêneos nos quais os fenômenos linguísticos devem ser tratados em relação com fatores psicolinguísticos, cognitivos e sociolinguísticos. (CHAROLLES & COMBETTES, 1999, p. 79 apud MAINGUENEAU, 2007, p.17).

Devendo-se esclarecer que cada posicionamento discursivo é constituído de um componente essencial da identidade do sujeito, que o evidenciará durante o processo interlocutório. Conforme afirma Oliveira Cano, (2012, p. 15) “o interdiscurso em sua gênese é bastante complexo e, talvez por isso, alguns lingüistas buscaram firmar seus estudos nos gêneros discursivos e não propriamente na AD, já que esta é constitutivamente heterogênea e não deixa “marcas no enunciado”.

3.3 CENAS DE ENUNCIÇÃO E EFEITOS DE SENTIDO

Enunção, de acordo com Brandão (2012, p. 106), é a “emissão de um conjunto de signos que é produto da interação de indivíduos socialmente organizados”. Ou seja, o enunciado seria esse conjunto de signos que faz parte de um contexto social e interage nesse contexto produzindo a enunção. Nos estudos linguísticos, enunciado pode ser definido como uma unidade elementar da comunicação verbal, ou seja, uma sequência completa e que faz algum sentido, ou pode ser definido, em oposição ao conceito de estrutura frasal, como uma frase produzida dentro de um contexto específico. Para Brandão (2012, p. 106), “a enunção se dá num aqui e agora, jamais se repetindo. Ela se marca pela singularidade”.

É por meio da linguagem que os sentidos são proferidos/captados e revelam, por assim dizer, as práticas sociais e discursivas de uma sociedade. Assim, após o percurso histórico a

apresentado da análise do discurso, torna-se pertinente frisar o que Orlandi apresenta sobre a gênese interdisciplinar da AD, cujos procedimentos buscam “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2012, p. 15).

Segundo Maingueneau (2011, p. 122), “o que o texto diz pressupõe um cenário de palavra determinada que ele deve validar através da sua enunciação”, estando esta atrelada ao conceito de discurso, ou seja, “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2008 p. 15). Quanto à “enunciação”, Charaudeau e Maingueneau (2004) afirmam que, em Linguística, o termo foi empregado pela primeira vez em 1932, mas as primeiras referências sobre enunciação devem-se a Bakhtin, segundo o qual a enunciação coloca o ato de “significar” como principal atividade da linguagem.

Observando as teorias discursivas, percebe-se que nenhum texto, falado ou escrito, é neutro, uma vez que os enunciados são dotados de sentidos que nem sempre são percebidos facilmente em um primeiro contato, sendo necessárias determinadas inferências que permitem acessar as “entrelinhas” do enunciado, eis que este adquire sentido a partir do contexto de produção do discurso. Em outras palavras:

Considera-se, geralmente, que cada enunciado é portador de um sentido estável, a saber, aquele que lhe foi conferido pelo locutor. [...] A reflexão contemporânea afastou-se dessa concepção da interpretação dos enunciados: o contexto não se encontra simplesmente ao redor de um enunciado que conteria um sentido parcialmente indeterminado que o destinatário precisaria apenas especificar. Com efeito, todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador (MAINGUENEAU, 2011, p. 19-20).

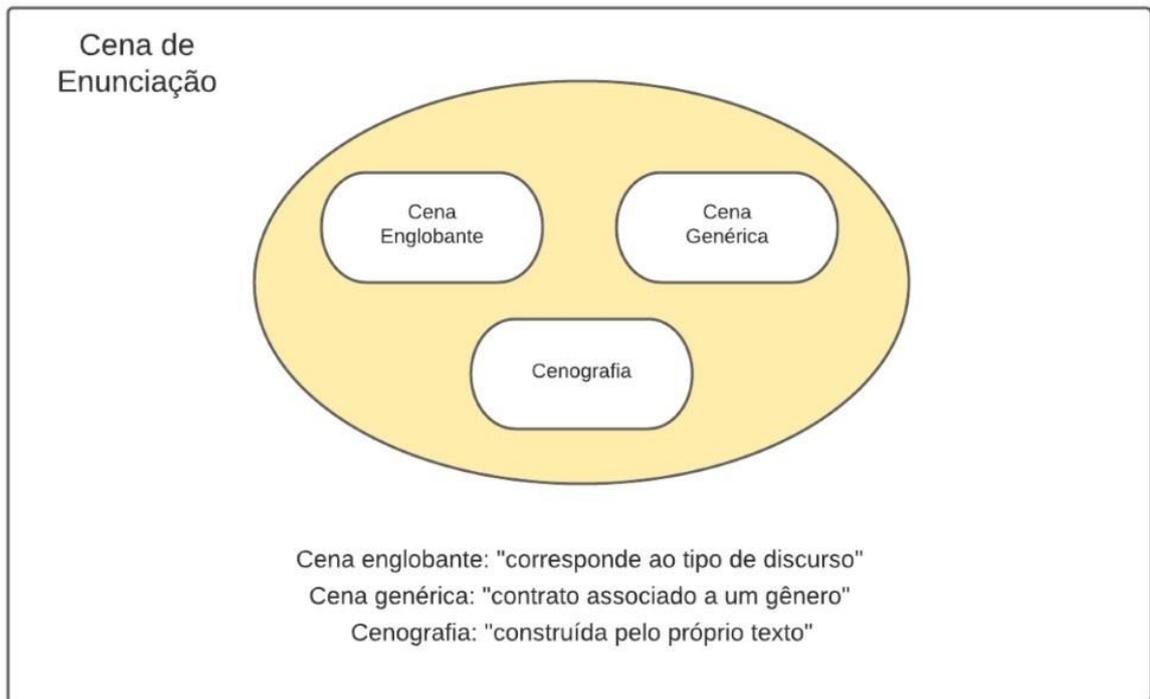
Nesse sentido, assevera Orlandi (2012) que, apesar de a Análise do Discurso fazer um recorte teórico específico, relacionando língua e discurso, a língua não é tratada como puro código, mas pela capacidade de produzir sentido para os sujeitos; o discurso é entendido como o “efeito de sentidos entre os locutores” (ORLANDI, 2012, p. 21). Após o entendimento sucinto do processo de construção do sentido, volta-se à percepção da cena de enunciação

como “uma encenação inseparável do universo de sentido que o texto procura impor” (MAINGUENEAU, 2011, p. 51), encadeando argumentos e situações que legitimam o texto, acima da materialidade linguística.

Maingueneau ainda formula o conceito de cenas de enunciação, pois para ele, “todo discurso, por uma manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima”, (MAINGUENEAU, 2008, p.87). Com efeito, Benveniste (2005), autor a quem é atribuída a paternidade da Teoria da Enunciação, concorda que a significação não é algo que se acrescenta à linguagem, mas é sua própria natureza; significar é o ato de converter a língua em discurso, o que se faz pela presença individual de um sujeito enunciador que se apropria da língua e nela se insere. Arelado a Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente capaz de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente para derivar para outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

Segundo Maingueneau (2008) o conceito de cena enunciativa se divide em cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso. Está relacionada ao tempo e ao espaço, pois surge da necessidade da sociedade. Para Maingueneau (1996), a cena englobante não é satisfatória para explicitar as atividades discursivas nas quais se encontram os sujeitos. A cena genérica corresponde ao gênero do discurso, que define seus próprios papéis e está ligada a uma instituição discursiva, é o contrato associado a um gênero de discurso. Além disso, na enunciação, ambas se fazem essencialmente presentes. A cenografia é aquela com a qual o co-enunciador se confronta, corresponde ao contexto que a obra implica. Não se trata de um cenário ou de um quadro já construído e independente no interior de um espaço.

Ao tratar da enunciação, Maingueneau (2004, p. 85) parte do princípio de que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é enunciada”. A cena é ao mesmo tempo um espaço delimitado e as ações dentro desse espaço. Assim, o sujeito assume papéis (representações sociais) que lhes são atribuídos e se confrontam dentro da cena da qual não se pode sair. Porém, “a cena de enunciação de um gênero de discurso não é um bloco compacto. Podemos entender a enunciação, com base nas proposições do autor, a partir do quadro a seguir:



FONTE: A autora (2020), com base em teorias de Maingueneau (2015, p. 117-126)

De acordo com Maingueneau (2004, p. 87), um quadro cênico se forma no conjunto das cenas englobantes identificadas em uma cena maior e as suas funcionalidades resultam na cena genérica. Para ele, esse quadro é o que define o “espaço” estável no interior do qual o enunciado adquire sentido. Portanto, é preciso pensar o quadro cênico de um gênero discursivo para “enquadrar” a cena, lembrando que um texto pode decorrer de cenas englobantes diferentes e até mesmo participar de mais de uma cena englobante.

4 METODOLOGIA

4.1 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE CORPUS

Considerando-se que a pesquisa científica exige, entre outras características, a criatividade, a disciplina, a organização e a modéstia do pesquisador, deve-se levar em conta que ele lida sempre com confrontos. Nesse sentido, sob a luz da proposta teórica da análise do discurso de linha francesa, o presente trabalho buscou realizar uma pesquisa de base qualitativa em análise de corpus, tendo como objeto específico de análise fotografias como forma de construção de imagens, em que compartilha com outras técnicas uma série de elementos, mas possui particularidades que a diferenciam e a especificam.

Adentrando no assunto da pesquisa qualitativa, é importante perceber que esse método assume diferentes significados no campo das ciências sociais e humanas, de modo que compreende em um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Desse modo, não há preocupação com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Tal abordagem se opõe ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, de modo a recusar o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. (Goldenberg, 1999).

A ciência moderna desenvolveu, para isso, uma linguagem operatória, cuja gramática e sintaxe formam sistemas construídos e controláveis. Outro aspecto comum e importante da tradição dos métodos qualitativos é que foram desenvolvidos para trabalhar com grupos sem cultura escrita, com sociedades do mundo desenvolvido ou com grupos marginalizados na sociedade.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa irá perpassar a escritura do referencial teórico, tendo em vista que este divide-se em dois momentos: o aporte teórico da fotografia e da análise de discurso, bem como análises e os princípios e procedimentos da análise de discurso francesa. Serão analisadas fotografias da autorais da fotógrafa, documentarista, filmmaker e educadora social, Naiara Jinkns. Os trabalhos da autora dão ênfase a representatividade de pessoas negras e nortistas, com forte viés político e social. Em suas imagens, é possível perceber a proximidade da fotógrafa com as pessoas retratadas, ela se faz presente de maneira física e empática, tendo em vista a classe social dos sujeitos retratados nesse universo imagético.

Deste modo, ressalta-se que as fotografias serão interpretadas criticamente, atreladas às questões sociais que estão representadas em cada imagem, e embasadas em um corpus que trabalhará no procedimento teórico proposto por Dominique Maingueneau, no que diz respeito às cenas de enunciação, efeitos de sentido e interdiscurso, bem como o procedimento proposto por Michel Pêcheux, em 1969, ou seja, o batimento entre descrição e interpretação. As fotografias serão analisadas entre teoria e prática de análise, visto que a análise de discurso se configura como uma disciplina de entremeio entre a linguística e as ciências sociais.

4.3 AS PARTICULARIDADES DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA

De acordo com Barthes (1980), uma das características da imagem fotográfica poderia ser definida como “isto foi”. Segundo esta apreensão, a imagem fotográfica constitui prova de que o que foi fotografado, no momento da captação, localiza-se temporalmente num instante anterior ao de sua apreciação. Ou seja, sempre há uma lacuna temporal entre o que foi fotografado e a imagem vista (por menor que seja este espaço de tempo). Outra característica apontada por Barthes (1980) é que a imagem fotográfica é também comprovação de existência do que nela se encontra registrado. Neste sentido, o autor comenta que:

[...] na fotografia não posso nunca negar que a coisa esteve lá. Há uma dupla posição conjunta: de realidade e de passado. E uma vez que este constrangimento só existe para ela, devemos tomá-la, por redução, pela própria essência, o noema da fotografia. Aquilo

que intencionalizo numa foto, não é nem Arte nem a Comunicação, é a Referência, que é a ordem fundadora da fotografia. (BARTHES,1980, p.109).

Neste sentido, estando na imagem fotográfica parte do referente que já não é mais, ela acaba por atualizar temporalmente, em sua materialidade presente, uma possibilidade de ser daquilo que já não é. Barthes identifica também como característica da fotografia a relação de testemunho frente àquilo que é fotografado. Neste sentido, comenta que até a existência da fotografia,

[...] nenhuma representação podia garantir-me o passado da coisa, a não ser através de circuitos. Mas, com a Fotografia, a minha certeza é mediata: ninguém no mundo me pode desmentir. A fotografia torna-se então para mim um Médiun estranho, uma nova forma de alucinação: falsa ao nível da percepção, verdadeira ao nível do tempo. (BARTHES, 1980, p.158).

A fotografia pode ser entendida como aquilo que já foi, e a prova do que realmente existiu, mas não no rememorar de um passado. Seu efeito “não é o de restituir aquilo que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de confirmar que aquilo que vejo existiu realmente”. (BARTHES, 1980, p.116). Sendo prova de um passado, a imagem implica na existência não apenas do referente fotografado num dado tempo e espaço, mas também na presença de um equipamento fotográfico, e daquele que acionou este equipamento, neste mesmo tempo e espaço. A importância do referente em alguns casos se torna tão expressiva que há formulações que parecem lhe conferir certa autonomia dentro dos processos de construção e decodificação da imagem.

A produção da obra fotográfica “diz respeito ao conjunto dos mecanismos internos do processo de construção da representação, concebido conforme certa intenção, construído e materializado cultural, estética/ ideológica e tecnicamente, de acordo com a visão particular de mundo do fotógrafo”. (KOSSOY, 1999, p.42). Ou seja, embora a fotografia se conecte fisicamente ao seu referente, esta conexão se dá “através de um filtro cultural, estético e técnico articulado no imaginário de seu criador” (KOSSOY, 1999, p.42). A imagem fotográfica é “sempre uma representação a partir do real, intermediada pelo fotógrafo que a produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real”. Ela “pode ser dramatizada ou estetizada, de acordo com a ênfase pretendida pelo fotógrafo em função da finalidade ou aplicação a que se destina” (KOSSOY, 1999, p.52), ou seja, o “assunto uma vez

representado na imagem é um novo real: interpretado e idealizado, em outras palavras, ideologizado”. (KOSSOY, 1999, p.43).

Assim, no que diz respeito à análise dos objetos aqui selecionados, é necessário ter em mente que a óptica na escolha das fotografias, se dá no viés da concepção de questões sociais, sendo retratadas famílias periféricas à margem da sociedade em contextos desprivilegiados e de pouco acesso a uma boa qualidade de vida, sendo estes sujeitos muitas vezes esquecidos e não retratados com frequência pela grande mídia ou presentes em discussões e debates, visando levantar os possíveis efeitos de sentidos que as imagens transmitem, desde suas ambientações do cenário, até o possível efeito que causa no leitor.

Assim, sentidos são naturalizados, conseqüentemente, tanto na materialização dos enunciados quanto nos gestos de leitura que apagam a percepção da polifonia pelo leitor. Esse efeito de evidência é obtido, sobretudo, pela “repetição de sentidos dominantes, ideologicamente naturalizados e sintonizados com os interesses de uma classe, a saber, a classe detentora dos meios de produção, da terra, das corporações de mídia e do capital” (ROMÃO, 2007: 40).

Vale ressaltar que a máquina fotográfica é tomada como principal objeto, podendo dizer que esta é um prolongamento do corpo e visão do homem, visto que pode enxergar e tocar além daquilo que o corpo humano permite, estando estes conectados como um só, mas perdendo um no outro. Ou seja, ao mesmo tempo em que o fotógrafo domina o seu aparelho, é também dominado por ele. Logo, há sempre um jogo de trocas, isto é, assim como o aparelho funciona em função do fotógrafo, a própria escolha do fotógrafo funciona em função da programação do aparelho.

Assim, é notório como as imagens reproduzem os objetos do mundo, estando as fotografias carregadas de significados, sejam eles transportados até ela pelo fotógrafo ou pelo aparelho fotográfico, com símbolos que buscam ser impressões do mundo. É necessário decifrar as fotografias, desde a sua intenção, sua forma de apresentação e sua ideologia, enquanto fotografia composta por diversos elementos simbólicos.

Faz-se necessário, no entanto, compreender que as fotografias não são representações fiéis da realidade, pois “são plenas de ambigüidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas” (KOSSOY, 2002, p22). Pode-se dizer, desse modo, que a fotografia não é uma representação total de um determinado acontecimento, mas pode

produzir uma consciência desse, por meio dos objetos parciais que oferece que são simplesmente o recorte de um determinado acontecimento que é capturado pela lente em um instante de tempo (ORLANDI, 2002).

5 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Diante do intuito de verificar como os sentidos se constituem e circulam em nossa sociedade, este trabalho, sob a perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa, objetiva mostrar o funcionamento discursivo da imagem fotográfica, como as relações dialógicas são construídas e, conseqüentemente, como produzem sentidos por e para os sujeitos. Além do caráter comunicativo, a fotografia, por meio das especificidades do seu discurso, implica uma série de fatores, dentre eles, linguísticos, ideológicos e temporais. Esses aspectos corroboram não só para a emissão e compreensão dos sentidos, mas para a própria constituição dos discursos e das ideologias que neles se materializam.

Neste segmento, atenta-se para a necessidade de compreender não só o processo acerca da enunciação, mas também da interpretação dos efeitos de sentido instalados no discurso ditado por uma possível elite social, visto que as imagens aqui implementadas, tratam-se de uma cena genérica que evoca o interdiscurso da pobreza, violência, maternidade e entre outros. A análise de fotografias, sob óptica da AD expõe uma discursividade, embora tenha materialidade diferente do verbal, pois a imagem não serve como “moeda de troca” com a palavra, embora títulos e legendas tentem envolver o sujeito em uma única leitura possível do não-verbal. Utilizar a AD para analisar imagens é entendê-las envolvidas nesse processo que mitifica a informação e a transparência do sentido, seja ele o dominante ou não.

Assim, em um primeiro momento, o leitor é cativado pelos sujeitos presentes na IMAGEM 1, estes não apresentando rosto ou autoria, mas podendo ser imediatamente tomados pelo papel de mãe e filho. Nessa esteira, a virtude do afeto é colocada em cena a partir da representação dos objetos que estão em frente da criança: um recipiente com comida e um copo cheio, isso provoca o interdiscurso dito anteriormente (social, maternal, ideológico). Desse modo, há uma cena genérica com as imagens que envolvem o leitor como um coenunciador, levado para dentro da cena em uma situação de um ambiente familiar periférico.

Como afirma Charaudeau (2015), é possível notar que os “dados externos” que dizem respeito às condições de enunciação, assim como de características discursivas, que são os “dados internos”, referentes ao como dizer e como se comportar, seja por meio da linguagem visual, seja por meio da linguagem verbal.

IMAGEM 1**Acervo da fotógrafa Naiara Jinkns (2018)**

Para que o sujeito capte a representação total da fotografia, requer que este esteja inserido em um contexto social que vai de encontro ao fato fotografado, possuindo um olhar crítico e a ciência dos privilégios exercidos por determinadas classes, bem como o inverso que ocorre com sujeitos que estão à margem da sociedade e, muitas vezes, em situação de risco. No entanto, para alguém que conhece aquele local e mesmo o contexto situacional, a mesma fotografia lhe dará a possibilidade de ter uma representação total, pois esse sujeito tem um ‘conhecimento’ que o possibilita interpretá-la de um modo consistente.

O "fotógrafo produz símbolos, manipula-os e os armazena (...) O resultado desse tipo de atividade são mensagens" (FLUSSER, 2002, p. 22). Essas mensagens são produzidas com intuito de informar, e realizadas através do aparelho fotográfico, sendo que ele se torna um instrumento revelador do novo, da imagem manipulada para ver o objeto sob outra perspectiva, ainda não conhecida (FLUSSER, 2002). Assim, a linguagem visual está

relacionada à linguagem denotativa, a qual é materializada e concretizada pela imagem fotográfica e, em uma primeira leitura, não permite valor amplo de interpretação, apenas o que está exposto nela e o que desperta sensitivamente no receptor.

Vale ressaltar que a condição humana se refere aos modos de vida que o homem emprega sobre si para sobreviver. Dessa forma, independente do lugar e do tempo, o homem é um ser condicionado pelos próprios atos e pelo contexto histórico em que vive. A definição de condição humana, nas palavras da grande filósofa alemã Hannah Arendt, traduz bem esse conceito:

“A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência”. (ARENDR, 2007, p.17).

O discurso produzido pela fotografia decorre da apreciação das imagens dos sujeitos retratados pelos olhos atentos do espectador, muitas vezes transmitindo outros efeitos de sentido quando estes estão fechados ou em direção oposta ao foco da câmera. O estudo a partir do acervo fotográfico da Naiara Jinkns, por meio da cenografia e do interdiscurso, possibilita a compreensão de como se dá o discurso sobre a imagem no tocante a condição humana, pois o que é oferecido ao espectador são os meios para se atingir a consciência do trabalho, ou seja, um conjunto de elementos que compõem os dados cuja inter-relação projeta o trabalho para este outro nível de existência (ALMEIDA, 2015, p.180).

Nesse aspecto, Nascimento & Oliveira Cano (2011), asseveram que

Para que a cenografia seja, por fim, legitimada, há a necessidade de se apoiar em cenas que são validadas socialmente. Validada não quer dizer cenas positivas ou negativas, mas estereótipos que são comuns à maioria das pessoas na crença popular. São esses estereótipos que os enunciados vêm confirmar (NASCIMENTO & OLIVEIRA CANO, 2011, p. 43).

A partir de tal fato, é notório como os elementos da imagem analisada causam imediatamente o efeito de uma cenografia baseada na pobreza e falta de privilégios. Desse modo, o coenunciador é convidado a interpretar os efeitos de sentido que cada objeto ali presente compõe sentido para com a cena englobante da fotografia, com o intuito de

“desvendar” a característica e a técnica fotográfica utilizada, bem como o motivo de eternizar tal cena.

IMAGEM 2



Acervo da Fotógrafa Naiara Jinknss (2018)

Ainda utilizando o mesmo acervo fotográfico da fotógrafa Naiara Jinknss (2018), com o intuito de evidenciar ainda mais as questões da IMAGEM 1 analisada anteriormente, a IMAGEM 2 apresenta uma cenografia muito semelhante a imagem anterior, embora alterada a partir de um novo ângulo da lente e a nova posição espacial dos sujeitos. Essa cenografia trás, novamente, elementos da pobreza de modo que convida o coenunciador a estar presente dentro da casa em que a criança ainda se mantém presente, porém, ao mesmo tempo que sua presença pode ser tomada como protagonista da cenografia, há vários outros fatores visuais que atraem a atenção, não somente pelas cores quentes, mas pelo contexto social presente evocado através do interdiscurso.

Como na fotografia analisada anteriormente, sendo esta uma extensão a partir de uma nova esfera angular, o estereótipo da pobreza ainda se mantém presente. É notório que o espaço do lar retratado é pequeno, havendo muitos elementos em uma única cena. O que aparenta ser uma cozinha está repleta de panos, baldes e diversos outros elementos. A criança sentada entre o espaço da geladeira desgastada e um móvel de filtro de água afirma a falta de espaço no ambiente, havendo até mesmo uma sacola acima dela repleta de coisas dentro, podendo ser descrita a partir do olhar de cada sujeito-leitor, seja como um depósito para descartáveis ou para ocupação de um novo espaço devido a limitação do ambiente.

Todos os elementos atraem o sujeito-leitor e o convidam a ser um experienciador e se colocar como protagonista de uma dada cenografia oposta à sua realidade. Orlandi (1995) ainda assevera sobre o efeito de sentido que

Há uma necessidade do sentido, em sua materialidade, que só significa, por exemplo, na música, ou na pintura etc. Não se é pintor, músico, literato, indiferentemente. São diferentes relações com os sentidos que se instalam. São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem. (ORLANDI, 1995, p.39).

Segundo a autora, o não-verbal tem uma “consistência significativa”, o sentido tem uma matéria própria (1995, p.39) e tal propriedade faz toda diferença na análise. O sentido necessita de uma matéria própria para significar, de modo que não há como as diferentes materialidades significantes produzirem os mesmos efeitos. Para mais, a questão visual e de ângulo influenciam muito em novo olhar para um mesmo objeto, evidenciando novos espaços que não foram captados de outro modo, apresentando novos elementos e dimensões da cenografia.

Assim, as fotografias deixam de ser meros objetos quando a imagem contida no papel consegue transmitir ideias e estimular a percepção do espectador. Isso é resultado do envolvimento do fotógrafo com seu trabalho. Nesse sentido, a autora do livro “Contexto e Narrativa em Fotografia”, Maria Short (2013) diz que

A escolha do objeto, ou tema, e de como esse objeto, ou tema, será fotografado são aspectos fundamentais da linguagem visual. O objeto é aquilo que o público “vê” e que então vai moldar ou questionar uma série de interpretações inerentes ao objeto em si, o entendimento que o público tem desse objeto, e representações existentes sobre ele. Reconhecer essa relação de três vias entre

objeto, foto e público dará substância à realização e à apresentação da fotografia (SHORT, 2013, p.40-41).

Tal envolvimento com a fotografia e todos os “por quês” por trás do trabalho do fotógrafo, leva o espectador a interpretar a mensagem implícita na imagem e despertar o interesse pela fotografia, não pela prática em si, mas o modo como capta a atenção a partir do visual. Assim, para a produção de sentido através de uma imagem não é necessário que esta seja exaustivamente detalhada, pois, em seu processo de interpretação, o leitor não precisa analisar toda a extensão da imagem para lhe atribuir sentido. Isso ocorre porque tendemos a pensar que “ver alguns elementos de uma série é vê-los todos”. (GOMBRICH, 1995, p. 230).

IMAGEM 3



Acervo da fotógrafa Naiara Jinkns (2018)

Através do mesmo viés analítico adotado até aqui sob égide do interdiscurso e as cenas de enunciação, bem como as fotografias pela mesma autora selecionada, a IMAGEM 3 apresenta uma cena englobante para além da dimensão do lar, em que o coenunciador é colocado em contato a um cenário exterior à ambientação interna da casa. Não é possível afirmar se mãe e filha, presentes de forma central na foto, são as mesmas presentes nas imagens anteriores. Essa nova cena engloba ainda mais o interdiscurso da pobreza e violência

social, reforçado pela presença de lixos e entulhos espalhados, pichações, telhas de teto frágeis e janelas não convencionais.

Vale ressaltar a paleta de cores da fotografia como algo que faz jus à análise, visto que as cores laranja, amarelo e marrom são predominantes, bem como na IMAGEM 1 e 2, em que tonalidades como o marrom, historicamente, eram consideradas feias, e seus vestuário estavam limitados aos pobres. O significado político do amarelo também é negativo, pois é considerado como a cor dos traidores e dos indecisos. O laranja protagoniza efeitos exaustivos de publicidade, porém capta muito a atenção do espectador por ser uma cor quente e forte.

Nesse sentido, Charaudeau (2007, p.39) argumenta que:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU 2007, p.39).

Para tal, é válido ressaltar todos os recursos visuais que compõe a cenografia analisada, visto que todas englobam e constituem os mais diversos efeitos de sentidos da imagem. A fotografia como discurso instaura efeitos de sentido a partir de efeitos de memórias naqueles que a veem. Esses efeitos de sentido demarcam inscrições dos sujeitos em determinadas posições discursivas.

Ao analisar o discurso fotográfico, faz-se a ressalva de que nem todo texto é neutro e dito por acaso, pois a maneira de enunciar algo traz diferentes modos de linguagem e significados, podendo ainda haver uma série de sentidos anteriores. A linguagem constitui-se por cores, formas, gestos, palavras, corpo, sinais, entre outros, ou seja, é um conjunto de elementos que dão um significado a partir do local onde acontecem. (ORLANDI, 2002)

Assim, durante vários períodos históricos é perceptível que muitas fotografias carregam em si vários discursos que provocam determinados efeitos de sentido em sua sociedade. Dessa forma, os discursos instauram, na prática fotográfica, determinados sentimentos como, por um lado, o de indignação pelo fato de as mulheres ainda serem

retratadas, em algumas imagens, confinadas ao espaço doméstico e, por outro lado, o de alegria pela abertura, em outras imagens, de outros espaços para a mulher ocupar na sociedade.

A mulher aqui é retratada como mãe, estando fotografada com sua filha nos braços em meio a um cenário precário e que aparenta possuir poucos recursos sociais de sobrevivência. Diante dessas condições de produção, que constituem os sentidos, os gestos de interpretação produzidos em relação à imagem, as discursividades explicitadas dizem daqueles que têm pouco, ou não ganham nada, daquele que pede liberdade, que é "bloqueado" pela política, do humano, do sujeito marcando uma filiação à memória que faz ressoar a desigualdade social face aos sentidos de revolução.

A fotografia possui caráter intrínseco, de modo que toca o espectador. Assim, Naiara Jinkns, apresenta entre suas obras fotográficas, um trabalho com teor social, retratando a condição humana, com destaque para as fotografias feitas no nordeste do Brasil. A fotografia pode ser vista como instrumento de mudança social e reparação histórica, visando visibilizar e dar voz àqueles que estão à margem da sociedade com o intuito de voltar o olhar para a óptica de espaços marginalizados e esferas sociais com baixo privilégio, mas que ainda mantêm uma beleza capturada pelas lentes fotográficas, de modo que tal evento jamais será conquistada da mesma forma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se refletir sobre o modo como as fotografias causam efeitos de sentido a partir das cenas de enunciação, em específico, como as fotografias de Naiara evocam o interdiscurso do discurso da violência social e pobreza, a fim de promover o pensamento crítico a partir de sua arte.

Assim, a partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, esta privilegia um efeito de sentido global, não negligenciando o estudo da matéria não verbal. Contudo, ainda é perceptível a necessidade de retirar a imagem de sua dependência frente ao texto verbal ou mesmo de tentativas de análise que buscam uma compreensão dentro de um esquema linguístico de funcionamento do fotográfico, com a necessidade do desenvolvimento de mecanismos de análise que contemplem as especificidades da imagem.

A partir do referencial teórico e estudos do discurso, bem como de autores que trabalham a fotografia no âmbito do discurso e do imagético, foi possível analisar as cenas de enunciação e efeitos de sentidos nas marcas ideológicas das particularidades fotográficas presentes nas imagens que evocam o discurso crítico-social. Assim, as possíveis interpretações do sujeito-leitor sendo baseadas na linguagem não-verbal, com ausência da linguagem verbal, sendo também essa, também, uma forma de enunciar e produzir discursos dos mais diversos níveis a partir da cenografia e particularidades da fotografia.

Por fim, vale ressaltar que o aprofundamento do estudo discursivo da imagem fotográfica passa pela busca dos recursos de enunciação da imagem e suas formas de convocar o coenunciador e posicioná-lo no processo da leitura, visando o olhar e pensamento crítico para com todos os recursos visuais e como se inscreve no social, de modo a inferir novos olhares e novos discursos. A fotografia irrompe como um acontecimento do significante entre o gesto fotográfico e o gesto interpretativo, estando os detalhes de uma fotografia condizendo a um recorte da realidade do sujeito, podendo ser evidenciada como instrumento de resistência.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso**. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALMEIDA, Juliana Gisi Martins de -60/70: **as fotografias, os artistas e seus discursos** - Curitiba - Gráfica Capital, 2015.
- BARTHES, Roland. **A retórica antiga**. In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**, 1997.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. In: Introdução à análise do discurso. 2006.
- BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva**. Linguagem: estudos e pesquisas, v. 15, n. 1, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique.
(2002). **Dictionnaire d'analyse du discours**. Paris, Éditions du Seuil.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- DE OLIVEIRA CANO, Márcio Rogério. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. 2012. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France** pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

GOMBRICH, Ernest. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações**, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **No diagrama da AD Brasileira: heterotopias de Michel Foucault**, 2011. (mineo).

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LORDES, Antonio Wallace. **Análise do Discurso: o nascimento de uma disciplina interdisciplinar**. Trabalhos Completos ALED BRASIL, v. 1, n. 1, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. (1987). **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, Pontes-Editora da Unicamp.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **A análise do discurso e suas fronteiras**. Matruga, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2011.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; DE OLIVEIRA CANO, Márcio Rogério. 28) **Cenas da enunciação em textos jornalísticos: o caso da “ditabranda” na Folha de S. Paulo**. Veredas-Revista de Estudos Linguísticos, v. 15, n. 1, 2011.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. Brasiliense, São Paulo, 1983.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Efeitos do verbal sobre o não verbal**. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Nº1. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, Inversões, Deslocamentos**. Cadernos de Estudos Linguísticos, n.19. Campinas: Unicamp. 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **A análise do discurso: três épocas**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. O arquivo e a construção de memória o caso do apagão. In: ROMÃO, L.M.S.; GASPAR, N.R. (orgs.) **Discursos midiáticos: sentidos de memória e arquivo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, pp. 131-142.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia** - [Tradução Maria Alzira Brum Lemos] - São Paulo: Gustavo Gili, 2013.